

Cidade atrai flagelados da seca

■ Pesquisa descobre dois mil mendigos, migrantes e posseiros espalhados pelas ruas

Fotos de Julio Fernandes

MARGARETE VITÓRIA

Ao completar seus 33 anos, Brasília é hoje a *terra santa* para os flagelados da seca que assola o Nordeste. Uma pesquisa da Secretaria de Desenvolvimento Social revela que a cidade representa, para os 400 migrantes que perambulam pelas suas ruas, um dos poucos lugares do país onde é ainda possível encontrar empregos e melhores condições de vida. Segundo os dados apurados na pesquisa, ao todo, o DF tem hoje duas mil pessoas espalhadas pelas ruas da cidade, entre migrantes, mendigos e moradores de invasões, chamados pelo governo de posseiros urbanos.

“São pessoas empurradas para o Centro-Oeste pela seca do Nordeste e que estão mais pobres e fracas com o passar dos anos”, lamenta a secretária de Desenvolvimento Social, Maria do Barro, responsável pela pesquisa.

De acordo com o cadastramento feito por 70 técnicos do governo, ao contrário dos posseiros urbanos, os migrantes não moram em barracos. Instalam-se sob marquises ou improvisam qualquer outro tipo abrigo. Poucos deles podem se empregar, conforme apurou a pesquisa, porque estão doentes e maltratados pela fome.

Política — O alta fluxo de flagelados para o DF fez com que a Secretaria de Desenvolvimento Social implantasse uma política diferenciada para os migrantes. Eles são periodicamente recolhidos por equipes do governo e enviados para o Centro de Apoio Social, em Taguatinga, que tem capacidade para 1.200 pessoas. Para amparar os doentes, o governo paga o aluguel de casas nas cidades-satélites até o final do tratamento nos hospitais públicos.

Essa política tem sobrecarregado, no entanto, o sistema de saúde local, o que contribui para prejudicar o atendimento médico no DF. Segundo, o secretário de Saúde, Carlos Sant'Anna, em média, 40% das pessoas atendidas em hospitais da rede pública são provenientes de outros estados.

A pesquisa revelou, porém, que a maior parcela da população de rua do DF é composta por posseiros urbanos. Ao todo, eles somam contingente de 1.060 pessoas, em geral, com condições abaixo do limite de pobreza.

O diagnóstico do governo identificou também que maioria dos posseiros está instalada há pelo menos 10 anos em áreas públicas do Guará, de Samambaia e do Núcleo Bandeirante. A pesquisa confirmou ainda que quase todos esperam receber um lote na política de assentamento do governador Roriz.

Nos dois dias de pesquisa, foram encontrados ainda cerca de 174 mendigos, contra os 250 contabilizados pela equipe da Secretaria de Desenvolvimento Social em dezembro do ano passado. “São pessoas que insistem em viver de esmola e querem continuar morando na rua”, explica Maria do Barro.



Os barracos fazem parte da paisagem da Asa Norte, reunindo uma legião de desesperançados e famintos